



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Audiovisual e Publicidade
Habilitação em Audiovisual

KEITY NAIANY DA SILVA OLIVEIRA

LINHAS DA MEMÓRIA
Documentário sobre gerações ligadas pelo destino

BRASÍLIA, BRASIL
2023



LINHAS DA MEMÓRIA

Documentário sobre gerações ligadas pelo destino

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Audiovisual e Publicidade da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Audiovisual, sob orientação da Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho e coorientação da Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino.

BRASÍLIA, BRASIL
2023

KEITY NAIANY DA SILVA OLIVEIRA
LINHAS DA MEMÓRIA

Brasília, 12 de dezembro de 2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Rafiza Luziani Varão Ribeiro Carvalho
ORIENTADORA

Profa. Dra. Kelly Tatiane Martins Quirino
COORIENTADORA

Profa. Dra. Mariana Ferreira Lopes
MEMBRO 1

Profa. Esp. Jamila Oliveira Terra
MEMBRO 2

Profa. Dra. Elen Cristina Geraldês
SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

“O importante não é ser o primeiro ou primeira, o importante é abrir caminhos”

Conceição Evaristo

Os anos em que passei na graduação foram sem dúvidas os mais desafiadores e transformadores da minha vida. Meu aprendizado dentro da universidade foi além da teoria e prática sobre audiovisual e comunicação. Aprender sobre roteiro, direção, edição, teorias da comunicação, pesquisa, ética profissional (que claramente se reflete na ética pessoal), etc. foi engrandecedor para a Keity criança e adolescente que sonhava alto, mas sem noção de mundo nenhuma que fosse capaz de sonhar tudo o que vivi na faculdade e por causa dela. Foi dentro da universidade que aprendi verdadeiramente sobre profissionalismo, limites, competência e muitas outras coisas que fizeram com que a Keity adulta se tornasse muito mais confiante e segura da sua capacidade e merecimento. Que bom que tentei, que ótimo que eu não desisti!

Essa caminhada não foi fácil, muito menos rápida. Não começou comigo e nem terminará aqui. Para alguns de nós, ela não começa com a aprovação. Para mim, por exemplo, começou com os meus avós, que tanto batalharam para dar o melhor para seus filhos, e mesmo com a escassez e a fome não se perderam pelo caminho. Não desistiram, não podiam, mas fizeram tudo o que puderam com grandiosa maestria. Ensinaram seus filhos a serem pessoas boas e admiráveis. Ao qual hoje tenho orgulho de terem como tios e tias.

Agradeço a Deus, a quem primeiro aprendi a amar e ser grata que, apesar das minhas tantas falhas, nunca me deixou. Agradeço a cada membro da minha família que nunca duvidou de mim e me encorajou a trilhar o caminho que sempre sonhei, sem questionar ou diminuir as minhas escolhas. Obrigada mãe Dena, pai Dinho, tia Nilva, tio Nono, Padrinho, Dila, tia Drielle, tia Maiza, tio China, tia Sili, Compadre, tia Bertília, tia Vera, tio Chiata, Dinda, tio Gota, tia Vânia, tio Professora, Regiane, tio Boi, tia Sebba, tio Cheiroso, tio Gato, tia Marleide, Madrinha, Jadilson, Denilda e muitos outros que não mencionei aqui (tem gente demais nessa família, socorro!), mas sem dúvidas tem um espaço gigante no meu coração.

Agradeço a minha mãe que além de me gerar, criar, educar, cuidar e amar, me ensina todos os dias a grandeza e potência que o amor pode ter. Minha maior referência de mulher, que é um vendaval de sentimentos e intensidade. De quem sou fã, quem ainda me dá colo, quem nunca desiste de mim e por quem sou e serei eternamente grata. Agradeço ao meu pai que muito antes de me criar, me cuidar, me amar, me escolheu como filha. Quem me acolheu como sua e muito além do mínimo, me deu uma família gigante, cheia de tios, tias e primos.

Obrigada por essa história que começou com uma caixa de bombom e seguirá até o fim (e quem sabe além) da vida.

Agradeço a minha irmã, cujo nascimento foi o meu maior presente. Que é minha pessoa favorita nesse mundo. Que tem as melhores piadas e faz as melhores imitações. A dona do toque como linguagem do amor. Obrigada sobretudo pelo cuidado de todos esses anos de nossa parceria, especialmente os que moram no detalhe. Obrigada por ser tão você. Agradeço ao meu lindo coelhinho, Chico Bento, por transformar a minha vida. Desde que chegou, abrilhanta meus dias e enche meu coração de amor e paciência (já que ele não é nenhum exemplo quando se trata de respeitar o espaço pessoal das pessoas). Não sei o que seria de mim sem você na minha cola sempre que pode ou como seria os meus dias sem te admirar fazendo a coisa mais simples e fofa do mundo.

Agradeço a minha vó Nair, que é referência de força e fé nessa família. Que soube recomençar e segurar as pontas sempre que foi preciso. Que sorte a nossa te ter como vó e exemplo de tantas coisas incríveis. Que sorte a minha te ter sempre tão pertinho desde o meu nascimento. Obrigada pelos inúmeros chazinhos e por ser a minha maior incentivadora, a sua certeza sobre o meu sucesso é tão potente que me impulsiona apenas em te olhar. Agradeço a minha vó Mita por ser uma mulher tão admirável, cuja história é tão bonita, mas sofrida na mesma proporção. Tenho a certeza de que ninguém nesse mundo seria capaz de passar por tudo o que a senhora passou e ainda assim carregar um sorriso tão bonito no rosto. A senhora ressignificou o sentido de amor e carinho na minha vida. Obrigada por me escolher e acolher como neta.

Agradeço aos meus primos que foram minha primeira referência de amizade, irmandade e parceria. Obrigada Tatá, Nananda, Uka, Teffynha, Doguinha, Duly, Maykin, Mandinha, Tauane e Júlia. Espero que a nova geração da nossa família - Thomáz, Enzo, Henrique, André e Helena - vejam na gente o amor e a implicância que só existem entre primos, ela é renovadora. Aos que vieram um tempo depois de mim, Thalles, Ícaro, Ana e Daniel, desejo um futuro brilhante para vocês, acompanhar desde o nascimento de vocês até hoje me é encantador.

Agradeço aos meus primeiros amigos verdadeiros. Aqueles em quem encontrei sinceridade, afeto e lealdade. Espero do fundo do meu coração que nunca se esqueçam do quanto são importantes para mim. Math, Manúh e Hiago, da adolescência aos dias atuais, a companhia e parceria de vocês ainda me é restauradora. Obrigada por cada conversa, seja no ônibus, na calçada ou aqui em casa, comendo cuscuz. Obrigada por cada mensagem reconfortante ou tranquilizadora que chegou no meu WhatsApp. Obrigada pela amizade que

há anos queima no meu coração. Agradeço ao Junic que me trouxe grandes amizades como a da Fernanda e Maria Clara. Obrigada Fernanda por ser minha referência de dedicação, calma e delicadeza. Obrigada Clara por ser referência de artista, amiga e alegria.

Agradeço à Luana, Vini, Nádja e Ester por serem tão únicos e ainda assim tão compatíveis. Se em algum momento da minha vida eu tivesse duvidado da existência de presentes divinos, depois que os conheci teria provado que estava errada. Vocês são definitivamente um presente que ganhei de Deus, felizmente vocês existem e eu posso me sentir sempre pertencente. Que felicidade ter tantos dos meus comigo. Obrigada pela amizade incomparável - se ela fosse uma cor, com certeza seria preta!

Agradeço aos amigos que fiz durante essa caminhada acadêmica e que transbordaram os limites da universidade e se tornaram amigos da vida. Em especial, as minhas gatinhas que tornaram tudo muito fácil de encarar. Obrigada Mari por ser tão esperta e alegre. Obrigada Xúlia por ser tão risonha e tranquila. Obrigada Lulu por ser tão doce e engraçada. Obrigada por tanto apoio e compreensão, é muito fácil amar vocês. Agradeço à Cat, Silvana, Brendo, Belle e Karla, vocês foram importantíssimos para minha caminhada.

Agradeço a Carol por ser uma das minhas almas gêmeas desta e de outras vidas. Por me apoiar e me proporcionar ter uma segunda família com direito a seis gatos e uma cachorra. Nossa amizade é dessas que chegam como avalanche, aos 20 e poucos, e parece ser de uma vida toda. Obrigada por me avisar quando estou sendo doida e me lembrar constantemente que conexões e sentimentos verdadeiros não têm nada a ver com o tempo. Sou grata pela vida da tia Ana Paula, do Dedé e da Clara (minha Agostinha), que são pessoas extremamente especiais e admiráveis. Obrigada por me adotarem e me acolherem como família (mesmo que às vezes me zoem, injustamente, é claro).

Agradeço a Cecília por ser uma das minhas Super Amigas e me lembrar constantemente que está tudo bem não conseguir carregar o mundo nas costas (ninguém consegue mesmo), parceira de muitas emoções, felizmente! Obrigada Eduardo por ser meu *best friend* desde a infância (alguns dirão que são apenas alguns anos, mas negaremos até a morte). Agradeço ao Matheus por ter me apoiado tanto nos últimos anos, pelos inúmeros conselhos e por nunca duvidar da minha competência. Obrigada pelo *whey*, mas eu não quero não, tá.

Agradeço a todas as pessoas com quem tive a honra de trabalhar, cujo aprendizado e respeito estão marcados em mim, em forma de extrema gratidão. Em especial, Camila e Elisa que são grandes exemplos de amigas, profissionais e pessoas. Obrigada a todas as pessoas com quem recentemente trabalhei e souberam tão facilmente serem gentis, amorosas e

compreensivas comigo nesse período tão caótico da minha vida, em especial Thayná, Thaís, Ilana, Roxane e Fernanda.

Agradeço à minha orientadora e professora Rafiza Varão por sempre ser tão paciente e amorosa, por me ensinar tanto, dentro e fora da sala de aula, por aceitar me orientar mais uma vez, mesmo sabendo como sou dramática e caótica.

Agradeço à minha orientadora (e coorientadora) Kelly Quirino por aceitar me acompanhar e me orientar nessa etapa tão importante. Sua certeza sobre a minha capacidade profissional e intelectual foi crucial para mim nesse processo.

Agradeço à Mariana Lopes, Jamila Terra e Elen Geraldês por aceitarem tão pronta e gentilmente o convite para participar da minha banca e colaborarem com esse momento importante da minha formação.

Por fim, mas não menos importante, agradeço à Universidade de Brasília, à Faculdade de Comunicação e a todas as pessoas que de alguma forma as compõem. Minha passagem por ela foi como um divisor de águas na minha vida profissional, acadêmica, humana e social. Obrigada!

RESUMO

Este projeto procura compreender os processos envolvidos em todas as etapas da realização de um curta-metragem documental e autobiográfico enquanto meio de registrar e eternizar memórias. O objetivo principal foi a realização do documentário intitulado *Linhas da memória* desde a roteirização e produção até a montagem e finalização. Dentro da narrativa do curta, buscamos apresentar novos sentidos nas relações entre memória e afeto. A compreensão e experimentação do projeto, em sua maioria, se deu pela abordagem poética. Este trabalho visa também refletir acerca da construção do documentário em diferentes modos, principalmente ao tentar criar uma identificação entre personagens e espectadores, além de analisar conceitos que permitiram o aperfeiçoamento e realizações de outras produções audiovisuais. Resultando numa obra afetiva que tem esperança de contribuir com a produção de outras narrativas, bem como incentivar a participação ativa, ainda que indireta, do público que se identificar.

Palavras-chave: Documentário. Realização audiovisual. Memória. Lembrança afetiva.

ABSTRACT

This project seeks to understand the processes involved in all stages of making a documentary and autobiographical short film as a means of recording and immortalizing memories. The main objective was to make the documentary entitled “Lines of memory” from scripting and production to editing and finalization. Within the narrative of the short, we seek to present new meanings in the relationships between memory and affection. The understanding and experimentation of the project, for the most part, took place through a poetic approach. This work also aims to reflect on the construction of the documentary in different ways, mainly when trying to create an identification between characters and spectators, in addition to analyzing concepts that allowed the improvement and achievements of other audiovisual productions. Resulting in an affective work that hopes to contribute to the production of other narratives, as well as encouraging the active participation, albeit indirect, of the public that identifies.

Keywords: Documentary. Audiovisual production. Memory. Affective memory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Preparação para entrevista.....	28
Figura 02: Montagem do cenário e equipamentos para gravação.....	29
Figura 03: Bastidores da gravação das narrações.....	30
Figura 04: Lista de equipamentos emprestados pelo Núcleo Técnico Audiovisual da FAC.....	35

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	12
1.1. Objeto de pesquisa.....	13
1.2. Problemática.....	13
1.3. Objetivos da pesquisa.....	14
1.4. Objetivos específicos.....	14
1.5. Justificativa.....	14
1.6. Procedimentos Metodológicos.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	17
2.1. Documentário.....	17
2.2. Memórias e vivências negras.....	19
3. DESENVOLVIMENTO.....	23
4. ETAPAS DO PROJETO.....	25
4.1. O título.....	25
4.2. Curadoria de memórias.....	25
4.3. Construção do roteiro.....	26
4.4. As entrevistas e gravações.....	27
4.5. A narração.....	29
4.6. Direção de arte.....	30
4.7. A montagem.....	31
4.8. Cores e trilhas.....	32
4.9. Finalização.....	32
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
6. ANEXOS.....	35
6.1. Lista de equipamentos.....	35
7. REFERENCIAL TEÓRICO.....	36
APÊNDICE.....	39

1. INTRODUÇÃO

Somos feitos de memórias, poeticamente falando, é claro. Na prática, somos um emaranhado de células e átomos. Nascemos e crescemos rodeados de estímulos que captam nossa atenção e viram lembranças. Ao longo da vida, é através da memorização que aprendemos. Claro que dizer isso, assim, dessa maneira, é exagero. Eu sei. Mas se nos esforçamos encontramos diversos exemplos em que a memória foi o início para algo muito importante. Tudo está ligado ao que passamos e com quem passamos, no final das contas.

As lembranças me cercam desde que me entendo por gente, e combinadas com a saudade e nostalgia, formam a pessoa que sou. A ideia deste projeto surgiu da constante lembrança que tenho. Me lembro de aniversários e datas importantes, de dias ordinários e extraordinários, de cheiros e toques. É quase como se me lembrasse de tudo. Tudo o que é possível lembrar, sendo proposital ou não. A confirmação que deveria ser essa a ideia a ser executada veio do medo de esquecer. O esquecimento, para mim, está atrelado ao esquecer de quem sou e quem amo.

Este curta documental idealiza uma aliança entre o passado, o presente e o futuro, explorando o elo entre três gerações de mulheres de uma mesma família. Por meio de entrevistas busca conhecer pontos de vistas diferentes de uma mesma lembrança, bem como descobrir novas memórias de um passado vivido apenas por quem nos criou, humanizando quem costumamos ver sempre como uma fortaleza impenetrável. É comum não perceber nossas avós, mães, tias, irmãs mais velhas, etc. como pessoas que tiveram uma vida antes de nós, já que nunca tivemos uma vida sem elas e por ver essas pessoas, mulheres sobretudo, em posição de admiração e refúgio, é fácil esquecer que apesar do que significam para nós, elas também têm suas próprias fragilidades.

Tudo o que está materializado aqui trata-se de memórias pessoais, minhas e de pessoas importantes para mim, minha avó, minha mãe e minha irmã. Por isso, reforço que a fala em primeira pessoa, tanto neste documento como no próprio documentário, é em decorrência da intimidade que tenho com esses relatos. Eles são meus, ainda que de forma indireta. Este produto é um documentário autobiográfico cujo objetivo é registrar e, de certa forma, eternizar as memórias vividas por mim e pelos meus. E para além disso, o curta *Linhas da memória* se propõe a construir uma narrativa sobre memória e afeto.

Para além desta introdução, neste memorial, também irei mostrar os seguintes tópicos: apresentação, objetivos, justificativa, procedimentos metodológicos, fundamentação teórica, desenvolvimento, etapas do projeto, considerações finais, anexos e referências bibliográficas.

1.1. Objeto de pesquisa

O objeto deste trabalho é a realização, em todas as suas etapas, de um curta-metragem documental, cuja linguagem transita entre a autobiografia e a poesia. No âmbito da autobiografia, é importante ressaltar uma outra face do conceito autobiográfico, apesar da história ser sobre si, a narradora não é o único foco. Ter pontos de vistas diferentes de uma única história, aqui no caso as memórias, se torna enriquecedor. Trazer figuras importantes da vida pessoal para contar histórias que partem de pontos diferentes e se encontram não é mera casualidade, mas uma forma de fortalecer relações e engrandecer a narrativa.

Ainda que muitas das memórias contadas sejam pessoais, acabam por se tornar parte da vida de quem não as viveu a partir do momento em que quem viveu carrega consigo essa bagagem. A construção de memórias junto a outras pessoas é uma parte importante da vida das pessoas, como forma de criar e fortalecer laços, ninguém vive sozinho. Desse modo, é possível dizer que as memórias compartilhadas são da autora enquanto diretora e personagem.

Sendo assim, é significativo salientar que para o desenvolvimento e sustentação desse documentário, leituras de obras escritas por Conceição Evaristo (2006; 2008; 2011; 2014), bell hooks (2010) e Silvio Almeida (2018) foram pilares para a construção do texto narrado, fazendo com que histórias de pessoas pretas contadas por pessoas pretas fossem o embasamento fundamental. Realiza-se também uma pesquisa acerca do gênero documental por meio de autores como Manuela Penafria (2006), Bill Nichols (2010), Michel Foucault (1992), Michael Renov (2014) e Julia Scamparini (2015). Além disso, a própria memória e relação afetiva entre avó, netas, mães e filhas e os laços criados a partir das lembranças revisitadas também foram importantes para a construção do roteiro e realização do filme.

1.2. Problemática

A problemática pode ser apresentado na seguinte questão:

Como se dá o processo de desenvolvimento de um curta-metragem documental com caráter autobiográfico como forma de registrar e eternizar memórias de forma afetiva e poética?

Outras quatro questões que se fazem necessárias na construção deste trabalho são:

1. Qual a viabilidade em construir uma narrativa baseada em memórias, levando em consideração que, com o passar do tempo, as memórias vão sendo aos poucos esquecidas e/ou modificadas?
2. Como criar um cenário fílmico cuja percepção do tempo e das próprias memórias é indefinida?
3. Como utilizar do processo artístico para causar identificação nos espectadores com um produto tão pessoal?
4. Quais fundamentos teóricos são capazes de auxiliar a realização de produto audiovisual documental autobiográfico que coloca em pauta a escrita de algo tão íntimo como memórias e elo familiar?

1.3. Objetivos da pesquisa

O objetivo deste trabalho é produzir um curta-metragem contando as memórias de quatro mulheres: minha avó, minha mãe, minha irmã e eu mesma.

1.4. Objetivos específicos

- Desenvolver um roteiro audiovisual;
- Produzir um curta-metragem documental;
- Entrevistar mulheres da minha família, especificamente avó, mãe e irmã, para somar na narrativa;
- Montar e finalizar o documentário produzido;
- Reforçar laços presentes nas lembranças de diferentes gerações da minha família por meio do audiovisual.

1.5. Justificativa

Para o trabalho de conclusão de curso, a escolha de realizar um produto audiovisual foi feita com a certeza de que a história contada em forma de filme traz uma visão mais completa sobre o que está sendo apresentado. Mediante recursos sonoros e visuais, a narrativa cinematográfica entrega uma experiência absoluta ao espectador. Explorar e experienciar a linguagem cinematográfica de forma prática foi importante na decisão.

Esse projeto nasceu a partir de uma reflexão sobre as lembranças, as minhas e as de outras pessoas da minha família. Ao perceber um medo cego, porém genuíno, de perder as minhas memórias, decidi que contá-las era a melhor forma de salvá-las, como se de alguma forma eu pudesse guardá-las em um HD. Não há indícios ou motivos claros de que eu vá perder a memória ou coisa parecida, além do tempo, é claro, que é natural e inevitável, mas qualquer coisa que seja importante demais é digna de cuidado.

A escolha do documentário como gênero a ser abordado, se deu por se tratar de uma narrativa que mais se aproxima do verídico, criando uma aproximação maior do público com a narrativa e personagens, portanto, foi a opção que melhor se encaixava na temática abordada. Seguindo a mesma linha de raciocínio, a autobiografia foi quase uma consequência visto o teor pessoal da primeira escolha.

Por fim, a existência do projeto é válida pela oportunidade de registrar uma parte, ainda que pequena, da minha história de vida e, por meio do audiovisual, gerar identificação com o interlocutor, enquanto busca conforto nas lembranças boas e se reconciliar com as ruins.

1.6. Procedimentos Metodológicos

O presente memorial possui três pilares de sustentação: o lado pessoal – individual, o comum – coletivo e audiovisual – pesquisa.

Ao falar sobre o pessoal-individual, destacam-se dois pontos: os relatos das minhas memórias através do produto artístico expressado por meio do audiovisual, bem como a experimentação documental por meio de entrevistas e representações poéticas. Já no que tange o comum - coletivo, este trabalho visa despertar no público sentimentos de nostalgia e carinho, por meio de lembranças que vão desde a infância até a vida adulta, como forma de identificação. No que diz respeito ao audiovisual - pesquisa, os objetivos passam por várias etapas ao longo do seu desenvolvimento. Inicialmente, observa-se o estágio de realização do curta-metragem, desde a ideia do roteiro até o processo de montagem e finalização, na linguagem documental com caráter autobiográfico e poético que aborda as memórias enquanto suporte para a preservação de histórias.

É evidente que este produto trata-se de uma produção de natureza extremamente íntima e individual, portanto, é natural que a identificação do público seja questionada. Afinal, como o espectador pode se identificar com memórias tão pessoais? É nesse ponto que a escrita de si entra em evidência, pois ao falar das memórias vividas por mim, eu ainda

acabo por falar de uma vivência coletiva. Todos nós temos memórias, é comum a todos os seres humanos. Logo, neste caso, o falar de si não exclui, pois ele passa a ser coletivo. Sendo assim, a sintonia entre o filme e o público será viável. Por fim, tenho como objetivo apresentar a minha história por meio das lembranças para que outros possam utilizar delas para relembrar das suas próprias. Assim, criando um espaço de reconhecimento de si, no outro. Escrever é, portanto, “se mostrar”, se expor, fazer aparecer seu próprio rosto perto do outro (FOUCAULT, 1992, p. 156).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Documentário

Após a definição do tema e escolha de qual recurso utilizar para contar essa história, escolher o formato do filme foi a segunda tarefa a ser definida. A pergunta “o que é documentário?” surgiu no início deste trabalho, antes de dar seguimento ao produto aqui apresentado, foi feita uma pesquisa para compreender melhor o processo em que passaríamos até chegar no objetivo final. A reflexão sobre a diferença entre documentário e ficção também se fez necessária, uma vez que é preciso entender o porquê um formato seria mais proveitoso do que o outro na criação e desenvolvimento do projeto.

Todas as questões levantadas aqui giram em torno do que é o cinema. O documentário, bem como outros gêneros cinematográficos, está no cinema. Com base no texto de Manuela Penafria (2006), a diferença entre documentário e ficção não existe, o que existe é uma diferença no grau, ainda que essa afirmação não seja esclarecedora o suficiente. Em 1895, no início do cinema, o documentário estava longe de ser considerado gênero e isso só começou a mudar nos anos 30, na Grã-Bretanha com John Grierson (1898-1972) que em um de seus textos mais famosos, *First principles of documentary* (1932), definiu o documentário como “tratamento criativo da realidade”.

Os anos seguintes ao chamado “movimento documentarista britânico”, que teve Grierson como pioneiro, ficaram marcados pelo uso de câmeras portáteis e som sincronizado. E embora técnicas do próprio gênero fossem utilizadas, alguns outros elementos foram adicionados, como entrevistas de rua e o plano-sequência, isso permitiu ao movimento reivindicar uma certa proximidade com a realidade. No entanto, convém dizer que Grierson percebeu que o tratamento dado ao material e não apenas o seu uso também era importante. Bem como, não só a autenticidade do material tem importância, o efeito que recebe como resultado, também.

Enquanto alternativa ao filme de ficção e aos filmes de actualidade, o filme documentário facilitava uma tomada de consciência social para problemas que a todos diziam respeito. Os filmes deste movimento eram concebidos tendo como suporte uma ideia de utilidade pública (PENAFRIA, 2006, p.2).

Para Bill Nichols (2010), a definição do que é documentário é tão complexa quanto definir o que amor. No entanto, afirma que o conceito de documentário depende sempre de

um ponto comparativo e relativo. Nichols afirma que assim como o amor ganha um significado quando comparado ao ódio, o documentário ganha uma definição quando comparado ao filme experimental ou ficcional. E ao contrário de algumas ideias sobre a definição do gênero, o documentário não é uma reprodução da realidade. Ou seja, não é cópia daquilo que está sendo retratado, mas sim uma representação. Julgamos uma reprodução por sua fidelidade ao original - sua capacidade de se parecer com o original, de atuar como ele e de servir aos mesmos propósitos (NICHOLS, 2010, p. 47).

Se o documentário fosse uma *reprodução* da realidade, esses problemas seriam bem menos graves. Teríamos simplesmente a réplica ou a cópia de algo já existente. Mas ele não é uma reprodução da realidade, é uma representação do mundo em que vivemos. Representa uma determinada visão do mundo, uma visão com a qual nunca tenhamos deparado antes, mesmo que os aspectos do mundo nela representados nos seja familiar (NICHOLS, 2010, p. 47).

Muitos cineastas são atraídos pelas várias vertentes que se encontram de representação do documentário, principalmente quando querem se envolver em questões diretamente ligadas ao mundo histórico. Alguns argumentam a favor da originalidade de sua própria maneira de perceber e enxergar o mundo, outros argumentam a favor da autenticidade e fidelidade da sua própria representação do mundo. Em ambos os casos, os dois tipos usam do documentário para atrair nossa atenção para um mundo que já conhecemos, enquanto os que buscam a ficção desejam atrair a nossa atenção para um mundo que ainda é desconhecido.

Da forma como o entendemos a partir da posição de espectadores, o documentário é o gênero cinematográfico que se liga real e, além disso, carrega a responsabilidade de nos mostrar um real “correto” sobre o mundo ou sobre o homem. Dentro desta expectativa, as imagens que nos chegam também pressupõem-se reais, não construídas em estúdio manipuladas demais, respeitadas a um pacto referencial. (SCAMPARINI, 2015, p.265).

A voz do documentário é o que dá a ele a singularidade em mostrar pontos de vista, mas não a voz falada ouvida em tela. Se o documentário é a representação do mundo histórico ao transformar registros fotográficos em uma perspectiva diferente, torna-se uma voz entre muitas num espaço de debate social. É isto que dá ao documentário uma voz própria, o fato de não serem uma mera reprodução da realidade. Para cada filme documental, existem pelo menos três histórias que se entrelaçam: a do cineasta, a do filme e a do público. De maneiras diferentes, essas histórias fazem parte daquilo que assistimos quando

perguntamos do que se trata uma narrativa fílmica. Isso quer dizer que, quando assistimos a um filme, tomamos consciência de que ele provém de algum lugar e de alguém. Existe uma história de como e por que ele foi feito. Essa história é, com frequência, mais pessoal e idiossincrática nos documentários (NICHOLS, 2010, p. 93).

Desse modo, é incerta a definição exata do que é o documentário, ainda que diversos pesquisadores tenham tentado chegar a uma conceituação ideal, eles acabam por contestarem uns aos outros, ainda que não completamente. Isso mostra como o conceito do gênero documental é cheio de oscilações, sendo assim, compreende-se que a realidade pode ser expressada de diversas maneiras e que, diferente da ficção, nela não há limites previstos, é justamente o descontrole da realidade que valida o filme. Mesmo com a falta de um conceito preciso de documentário, Bill Nichols separa este gênero por “departamentos” conforme suas principais características: poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. Para a construção e desenvolvimento deste trabalho, serão utilizados os modos poético, participativo e performático.

2.2. Memórias e vivências negras

O tema escolhido para este trabalho foi memórias. Convidar as mulheres que mais cooperaram (e ainda cooperam) para o meu crescimento e bem-estar como participantes diretas do projeto era inevitável, elas fazem parte das minhas memórias desde os meus primeiros anos de vida. E apesar de não ser o tema central aqui abordado, não tem como deixar de falar sobre a vivência dessas mulheres, o que sofreram, o porquê sofreram e como tudo isso interfere ou não na relação familiar (e individual) com o passar das gerações. As condições financeiras e emocionais às quais minha avó e minha mãe passaram, felizmente não nos atinge diretamente, elas quebraram o ciclo, mas infelizmente ainda dói.

Nair Oliveira Dias, nome de casada. Agora, Nair Oliveira dos Santos, nome de batismo. Nascida e criada em Santa Rita de Cássia - BA. Perdeu a mãe aos 9 anos de idade, tinha irmãos não só por parte de pai, mas também por parte de mãe. A mãe, Benedita, morreu no parto junto ao bebê que carregava no ventre. A única irmã por parte de mãe que restou, Helena, de 2 anos, morreu um ano após o falecimento da mãe. Como disse Nair, em um trecho do filme previamente descartado, ela ficou perdida. Nunca imaginou perder a mãe, ainda mais assim tão jovem. Foi criada pelo pai, com quem tinha uma boa relação, e pela madrasta, que apesar de aceitar criá-la, fazia questão de tratá-la como a filha que o marido teve fora do casamento. Aos 16 foi emancipada para poder se casar. Nair nasceu no dia 08 de

outubro de 1950, mas tem em seus documentos a data 08 de outubro de 1948. Ainda hoje ela fica confusa com qual das datas ela deve seguir, ainda que seja em assuntos cotidianos, como, por exemplo, se você perguntar a ela qual a idade dela, é provável que a resposta seja algo como “nos documentos mesmo é 75, mas o certo mesmo é 73” ou “nos documentos ou a idade certa?”. Hoje, mãe de quatro mulheres e um homem. Avó de seis mulheres e três homens. Bisavó de dois meninos.

Maria Sônia Oliveira Dias, segundo registrado em documento, nasceu no dia 20 de novembro de 1977. Segundo sua mãe, Nair, seu nascimento com toda certeza foi no dia 21 de novembro de 1977. O pai registrou a data errada, bem como o nome que deveria ser só Maria, sem o Sônia. Nasceu em Brasília - DF, mas passou parte da infância na Bahia, tanto que se considera baiana, e veio novamente para Brasília após a separação dos seus pais. É a segunda filha mais nova dentre 5 filhos, mas tem outros três irmãos por parte de pai. Mãe de duas filhas. Nenhuma das duas foi planejada, ainda que muito desejadas. No entanto, a primeira nasceu alguns meses depois de completar 22 anos. Maria passou pela experiência que não é incomum a muitas mulheres: a de se ver sozinha e grávida, ainda jovem e solteira. Por mais comum que seja, o caminho percorrido para que tudo “dê certo” é árduo, longo e repleto de medos e julgamentos. A rede de apoio que teve, foi sua família e alguns amigos, um ano e alguns meses depois do nascimento de sua primeira filha, se apaixonou por um homem que se dispôs a assumir o papel de pai, ainda que a ele nada fosse pedido, muito menos lhe atribuído como obrigação. Sonhava em construir muitas oportunidades através dos estudos, mas após terminar o ensino médio, esses sonhos ficaram para trás. Quem sabe se na época as oportunidades fossem como as que tive. Hoje ela acha que não é inteligente o suficiente, que não tem idade mais, que não consegue e não pode mais.

Geovanna da Silva Oliveira, nascida em Brasília - DF, no dia 03 de janeiro de 2006. Filha caçula de Maria Sônia e Florisvaldo. Está na etapa final do ensino médio. Pretende cursar design e moda, também se interessou por psicologia e gastronomia, mas seu nível de criatividade falou mais alto e a atraiu para áreas que exploram esse lado. Quando criança, sempre foi muito falante e agitada. Na adolescência e transição para vida adulta, se considera bem mais introvertida e tímida. Tem a pele clara, cabelos crespos e traços negroides, vive no limbo sem saber se é preta ou branca. Parda? Talvez, mas quem poderá dizer de certeza, sem deixar a chance de qualquer contestação? O ponto certo foram os anos de bullying sofridos na escola, anos esses que deixaram marcas que são carregadas até hoje. Ter que lidar diariamente com o cabelo, os olhos grandes, a relação com a comida são exemplos do que não deveria, mas parecia, um problema.

Quando chegou a Brasília, minha avó teve que se virar para sustentar seus filhos. Trabalhava tanto e ainda assim faltava dinheiro para suprir todas as necessidades. Trabalhou em tudo o que pôde, inclusive em um restaurante no turno da noite. Até que aprendeu sozinha a costurar. Parte do sustento da família vinha da costura. Ainda hoje, parte da renda vem daí. Nair diz que gosta, afirma que para quem não tem estudo como ela, não tem profissão melhor. Quando teve a oportunidade de seguir com os estudos, Nair a agarrou, mas quando alguns bandidos invadiram a escola e fizeram reféns em um dia qualquer que deveria ter aula normal, ela teve que largar os estudos por medo de voltar para a sala de aula. Minha mãe sonhava em ser advogada ou psicóloga. Trabalhou em diversos lugares: posto de gasolina, sorveteria, loja de cortinas, *buffet*, e vários outros. Atualmente, é encarregada do setor de limpeza de um hospital particular, onde começou como auxiliar de serviços gerais.

Minha mãe sempre diz que nos anos em que meu avô viveu com eles, ele foi um bom pai e marido, nunca deixou que nada faltasse. Não passaram necessidades, mas não eram ricos, tanto que temos pouquíssimas fotos da família nessa época, claro pela tecnologia não ser como hoje, mas também por falta recurso em acessar o que já existia. Anos depois ele mudou totalmente, acredito que tenha sido ainda doloroso justamente por se encaixar no que bell hooks fala “Muitos negros ainda pensam assim. Suprir as necessidades materiais é sinônimo de amar.” (HOOKS, 2010, p.5). Meu avô era um homem negro, que supriu e foi bom para sua família durante anos, isso era não só obrigação, mas a forma de demonstrar afeto. Apesar de serem carinhosas e demonstrarem amor por palavras e ações, minha mãe ainda se sente mal por não conseguir nos dar tudo o que dinheiro pode comprar, bem como minha vó. Como se tudo que não é material, não fosse suficiente, porque “falta” algo.

Em meio a escassez, a desesperança e a perda de entes queridos, o tempo que resta para ser feliz é pouco. Nos livros *Becos da memória* (2006) e *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2011), Conceição Evaristo apresenta a história de muitas mulheres negras aos quais vão ganhando rostos conhecidos à medida que vamos lendo e percebendo que essas histórias se parecem com a história de alguém conhecido. Ainda que seja possível ver alegria e felicidade nos olhos de minha vó e minha mãe, a dor e o sofrimento não vão embora junto com a pobreza, não sem deixar marcas. “[...] O racismo, enquanto processo político e histórico, é também um processo de constituição de subjetividades, de indivíduos cuja consciência e os afetos estão de algum modo conectados com as práticas sociais” (ALMEIDA, 2018, p.49)

Seguindo a linha de pensamento do que Conceição Evaristo aborda em suas obras, especialmente em *Becos da memória*, por meio do documentário autobiográfico, seguimos a

ideia do que a autora chama de escrevivência: a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil. A história de mulheres que se apoiam e se ajudam nos é comum, por isso se faz importante torná-las protagonistas sem estereótipos ou sofrimento, celebrar suas narrativas em vida, e por meio da arte, tornar esses registros possíveis. A escritora pode ser vista em muitas características de sua personagem Maria-Nova (*Becos da memória*), assim como a autora do curta-metragem aqui apresentado, *Linhas da memória*, pode ser vista nas mulheres entrevistadas que aparecem em tela. Não menos importante, a escrita também abarca estas duas possibilidades: evadir para sonhar e inserir-se para modificar (OLIVEIRA, 2009, p. 622). No entanto, o que para Evaristo é a escrita, no nosso caso, é o cinema.

Quando nós, mulheres negras, experimentamos a força transformadora do amor em nossas vidas, assumimos atitudes capazes de alterar completamente as estruturas sociais existentes. Assim poderemos acumular forças para enfrentar o genocídio que mata diariamente tantos homens, mulheres e crianças negras. Quando conhecemos o amor, quando amamos, é possível enxergar o passado com outros olhos; é possível transformar o presente e sonhar o futuro. Esse é o poder do amor. O amor cura (HOOKS, 2010, p.12).

3. DESENVOLVIMENTO

Para o desenvolvimento deste trabalho fez-se necessário uma pesquisa bibliográfica que oferecesse embasamento teórico sobre a autobiografia e a escrita de si.

O termo autobiográfico teve origem na literatura, posteriormente consolidado e estruturado por meio de cartas, diários, memórias e ensaios, tendo a escrita de si como fundamento para sua construção. Há outra vertente que afirma que o nascimento da narrativa autobiográfica estaria na autobiografia romântica, mais especificamente, nas *Confissões* (1764-1770) de Rousseau. O surgimento da autobiografia transferida para o documentário trouxe uma nova relação com o interlocutor. A ordem do discurso romanesco imprime, dentre outros atributos, a expectativa do ficcional, e a ordem do discurso documentário, por sua vez, é a de um real em sentido naturalista, pois como espectadores, esperamos que algo do mundo nos seja mostrado tal como é, sem interferência de elementos ficcionalizantes. (SCAMPARINI, 2015, p.259).

A questão ao qual se refere o uso do termo é relativa, uma vez que o gênero em questão aparece em várias descrições. Esse dualismo que a tradição escrita provoca a cinematográfica, que corrobora com o avanço do gênero autobiográfico no cinema, especialmente no documentário. É relevante também compreender como transita a autobiografia dentro da literatura e do cinema. Michael Renov (2014) afirma que alguns pesquisadores do documentário têm sido lentos na aceitação do autobiográfico dentro da tradição da não ficção porque “a própria ideia de autobiografia desafia a PRÓPRIA IDEIA de documentário” (RENOV, 2014, p.33).

Os estudos do documentário são animados (ou, talvez, importunados) por debates a respeito do potencial do cinema – através do recurso aos “fatos” e da disposição lógica de argumentos – em produzir algo como um “conhecimento verificável”. Alguns veem isso como a glória epistemológica do discurso do documentário. O cinema de não ficção, entendido dessa forma (como uma organização de fatos e argumentos na forma fílmica), pode tornar-se um suporte institucional aos padrões da reportagem jornalística, disputa legal ou historiografia. O documentário é, portanto, julgado capaz de “cumprir o seu papel”, fornecendo “evidência visível” e produzindo conhecimento – sendo que essa aptidão é levada a sério. (RENOV, 2014, p. 33-34)

Segundo Foucault (1992), por intermédio da carta, o escritor se faz presente para quem ele a envia, não só pelas atualizações ou informações contidas na carta, mas como uma espécie de presença física e quase palpável. Isso significa que a carta, ao mesmo tempo que

significa um “olhar” sobre o destinatário, como também é uma maneira de permitir o olhar do outro sobre nós através do que é dito sobre (e por) nós mesmo.

O trabalho que a carta opera no destinatário, mas que também é efetuado naquele que escreve pela própria carta que ele envia, implica portanto um “introspecção”; mas é preciso compreendê-la menos como um deciframento de si por si do que como uma abertura que se dá ao outro sobre si mesmo (FOUCAULT, 1992, p. 157).

A escrita de si, para Foucault, está em sua relação de “complementaridade com a anacorese: ela atenua os perigos da solidão; oferece aquilo que se fez ou se pensou a um olhar possível; o fato de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, suscitando o respeito humano e a vergonha” (FOUCAULT, 1992, p. 145) e partindo disso faz uma primeira analogia. Segundo ele, o caderno de anotações é para o solitário o que os outros são para um asceta, e complementa com uma segunda analogia que afirma que não somente sobre os atos, mas precisamente sobre os pensamentos, e que o constrangimento que a presença do outro exerce na conduta, a escrita exercerá na alma.

A narrativa de si é a narrativa da relação consigo mesmo, e nela é possível destacar claramente dois elementos, dois pontos estratégicos que vão se tornar mais tarde objetos privilegiados do que se poderia chamar a escrita da relação consigo mesmo: as interferências da alma e do corpo; (...) as atividades do lazer; (...) o corpo e os dias. (FOUCAULT, 1992, p. 157).

Por meio de todos os aspectos expostos e analisados neste tópico, e brevemente mencionado em outros tópicos acima, optamos por utilizar a escrita de si e a autobiografia como modelo para o produto documental *Linhas da memória*.

4. ETAPAS DO PROJETO

4.1. O título

A escolha do título veio por meio do velho método conhecido como *brainstorm* (ou toró de ideia, para nós brasileiros). Durante a banca de TCC de uma amiga, formada no semestre anterior ao que estou me formando, uma das professoras convidadas usou um termo para se referir ao que minha amiga tinha feito no próprio trabalho que achei muito bonito. Anotei e por muito tempo tive ele como o nome do meu trabalho, mas apesar de muito bonito e poético, achei que para esse projeto eu precisava de um nome mais pessoal, que combinasse com o compilado de memórias também muito individuais. Guardei a frase para um projeto futuro e seguir na busca do nome.

Quando chegou o momento de escolher o nome, fiz várias pesquisas na tentativa de encontrar alguma curiosidade sobre as memórias, de maneira científica mesmo, mas nada trazia a “sacada” que eu precisava para um projeto tão íntimo. Mudei a estratégia de decidir ir anotando todas as palavras e frases que julguei interessantes. Pedi ajuda a minha irmã, que sugeriu algumas ideias. Partindo de uma sugestão da minha irmã, cheguei em *Linhas da memória*. Eu queria que tivesse a palavra memória para que ficasse bem em evidência o tema abordado. Linhas veio por dois motivos, um mais “lógico” e outro mais afetivo: 1) linha do tempo; 2) nossa avó é costureira, naturalmente linhas é o que não falta na casa dela. Eu amava ficar vendo as diversas cores e tamanhos de tubos de linhas. Não tinha como ser diferente, casou os dois e *Linhas da memória* nasceu e ficou. Quando eu era criança algumas mulheres negras me amaram de forma "incondicional". Assim aprendi que o amor não precisa ser conquistado. Elas me ensinaram que eu merecia ser amada; seu carinho nutriu meu crescimento espiritual (HOOKS, 2010, p.11).

4.2. Curadoria de memórias

Quando decidi o tema do trabalho, comecei a fazer uma busca dentro do meu “acervo” de memórias. Fiquei um tempo guardando e anotando tudo o que vinha a mente sobre momentos que vivi e considerei marcante. Algumas vieram por vontade própria, em um dia qualquer me pegava lembrando de algo interessante, o que me é comum. Outras vieram propositalmente, enquanto eu vasculhava as gavetas do meu cérebro em busca de lembranças que fossem importantes e que, além de merecerem, também não pudessem de maneira

alguma ficar de fora de um lugar tão importante como esse. “Sou arqueóloga de mim num desejo sublime de encontro e conhecimento. Eis o viés da minha herança.” (GAMA REVISTA, 2020). Além disso, na decisão final decidi por tudo o que além de importante e especial também fosse traduzível para um produto audiovisual, bem como tudo que considere não ser exposição demais, levando em consideração o meu conforto diante de algo íntimo, mas que ainda assim é um trabalho acadêmico a ser publicado.

4.3. Construção do roteiro

Ao definir as lembranças que gostaria de contar, chegou o momento de transformar algo pessoal em algo artístico e cinematográfico. Escrever o roteiro, para mim, foi o momento mais difícil do processo de desenvolvimento do curta. Apesar de gostar de escrever, estou habituada a escrever em outros formatos, como contos e até mesmo artigos acadêmicos, a área de roteiro é uma das que menos tenho familiaridade dentro do cinema. Já escrevi alguns pequenos roteiros, mas sempre para algo específico como uma disciplina da faculdade, roteiros curtos para redes sociais e outras coisas mais pontuais, em grande maioria, nada tão cheio de seriedade ou responsabilidade.

Não retrato o ser: retrato a passagem... Minha história necessita se ajustar ao momento. Em pouco tempo posso mudar, não apenas pela fortuna, mas também por intenção. Este é um registro de acontecimentos diversos e mutáveis e de ideias irresolutas e, se acontecer, contraditórias: ou porque eu seja um eu diferente, ou porque capte meus assuntos em diferentes circunstâncias e aspectos. Seja como for, talvez volta e meia me contradiga; mas a verdade, como disse Dêmaes, esta não contradigo (MONTAIGNE, 1948, p. 611 apud RENOV, 2014, p. 35.).

Passei uma boa parte do tempo escrevendo e reescrevendo, não gostando e apagando, travando e voltando a escrever. Decidi seguir do meu próprio jeito, sem seguir nenhuma formatação ou regra. Assim, consegui fluir melhor e finalizei. Priorizei inserir imagens que eu poderia gravar em casa ou em lugares que eu tenho fácil acesso, com pessoas que tenho convívio e intimidade, para que quando chegasse a hora de gravar eu não tivesse grandes empecilhos e pudesse reduzir ao máximo a quantidade de coisas que sempre podem dar errado em uma gravação. Principalmente, porque faria tudo sozinha. Considerei os recursos que tinha para gravar, tenho um celular e pensei que no pior dos cenários ele daria conta de gravar, mas não inseri tanto som, pois não tenho recursos pessoais que sustentaria se algo de

muito errado acontecesse. As imagens aleatórias que escolhi para representação de alguma lembrança também envolvia não ter que pedir autorização e o envolvimento da burocracia.

Ou seja, todo o roteiro foi construído visando facilitar as gravações, a produção e montagem, já que o tempo era curto e precisava ser otimizado.

4.4. As entrevistas e gravações

As três entrevistas foram gravadas no dia 02 de novembro, feriado. Me organizei para gravar todas no mesmo dia para facilitar o cronograma de gravações de modo que não atrasasse a montagem, além de utilizar os equipamentos emprestados pelo Núcleo Técnico da Faculdade de Comunicação dentro do prazo correto. Com a chegada do final do semestre, os empréstimos podem ser um pouco mais difíceis, pelo nível de demanda, principalmente pelos trabalhos de conclusão de curso. Levei em consideração que talvez não fosse possível conseguir datas disponíveis para reserva de equipamentos e com as entrevistadas. Por não ter transporte particular ao meu dispor, considerei importante que andar carregando equipamentos tão valiosos é perigoso, então quanto menos vezes eu tivesse que fazer isso, melhor.

Moro com duas das entrevistadas, minha mãe e irmã, a terceira entrevistada, minha vó, não mora comigo, mas mora bem próximo. Combinei com todos o dia e o horário, minha vó veio para minha casa (já que era mais fácil ela vir, do que eu ir, de ônibus e carregando tantos equipamentos caros e pesados) e tudo foi gravado no meu quarto mesmo. Imprimi o roteiro para facilitar na hora de conferir as perguntas, organizei o cenário e montei os equipamentos. Já tinha comprado as pilhas dos gravadores e liguei para minha amiga Mariana Leite para tirar dúvidas sobre o funcionamento do gravador, no qual eu já havia usado antes, mas achei melhor prevenir que algo desse errado e pedir ajuda com as coisas que não me lembrava.

A ordem que havia pensado para gravar seria: minha irmã, minha mãe e por fim, minha vó. Sei da importância que a condução tem numa entrevista, por isso queria começar com a minha irmã, porque sei que ela tinha mais conhecimento sobre o meu projeto, é de certa forma mais familiaridade com a câmera e assim ficaria menos, teoricamente, afinal é natural que no começo a pessoa entrevistada fique mais envergonhada. Essa ordem também me ajudaria a conduzir e entender o que funciona mais ou menos e não arriscar deixar as entrevistadas confusas. Minha relação com minha irmã facilitaria essa descoberta. Por fim, com a chegada das visitas, a primeira entrevistada foi a minha vó, a segunda minha mãe e por

último a minha irmã. O que achei que funcionou bem, apesar dos meus receios, a minha relação com todas elas é de muita intimidade e conforto, então eu comecei explicando tudo o que a gente ia fazer, explicando meu projeto e dando exemplos, afinal a gente sempre tem essa troca quando contamos histórias vividas por nós, isso ajudou muito já que todas temos o hábito de falar sobre nossas memórias, então é algo do nosso dia-a-dia.

Figura 01: Preparação para a entrevista.



Fonte: Geovanna Oliveira.

Minutos antes das gravações iniciarem, chegaram algumas visitas em casa. Me preocupei com o som, sobretudo. Uma das visitas era um neném de pouco menos de 2 anos. Crianças são naturalmente agitadas e barulhentas, minha família não fica nenhum pouco

atrás. Me preocupei com deixar as entrevistadas confortáveis, em gravar material o suficiente para a montagem tivesse liberdade de escolhas e com a parte técnica, e acabei por não me atentar a quem poderia ou não estar aqui em casa. Até o dia anterior, acreditei, com os outros moradores da minha casa, que seríamos só nós, mas minha tia avisou que viria. Tentei reduzir os “danos” que poderia entrar no som, e fiquei atenta aos barulhos durante toda a entrevista, enquanto mantinha um cenário de diálogo com a entrevistada para que ficasse tudo tecnicamente bom e visivelmente natural e ainda transmitisse a ideia que queria transmitir. Deu certo. As outras imagens que captei foram feitas em casa e no Centro Cultural Banco do Brasil.

Figura 02: Montagem do cenário e equipamento para gravação.



Fonte: Geovanna Oliveira.

4.5. A narração

A narração foi gravada por último, alguns finais de semana depois da gravação das entrevistas. No dia de gravar, tive ajuda da minha amiga Mariana Leite. Antes de tudo, abrimos o roteiro e analisamos detalhadamente todos os trechos do texto que seria narrado. Ajustamos cada detalhe, lendo, relendo em voz alta, trocando a ordem, modificando e retirando palavras, até que o texto soasse natural sem deixar de passar a mensagem desejada. Não tínhamos equipamentos adequados, então usamos as ferramentas ao nosso alcance: um celular, alguns travesseiros e um guarda-roupas. Depois de ajustar o texto, tiramos algumas bolsas e roupas de uma das portas do meu guarda-roupas, colocamos vários travesseiros, fechamos a porta e a janela, ligamos o gravador do celular mesmo e começamos a gravar em meio aos travesseiros. No total, tínhamos quatro narrações para gravar. Fizemos vários takes e tudo o que era necessário íamos ajustando, incluindo a entonação que eu queria passar com cada uma. No fim, apesar de algumas motos, barulhos externos e internos, conseguimos gravar sem muitos obstáculos.

Figura 03: Bastidores da gravação das narrações.



Fonte: Keity Naiany.

4.6. Direção de arte

Antes de gravar eu pensei na iluminação, para ajudar na hora de colorizar. Não usei equipamento de iluminação artificial, tudo o que foi gravado foi na luz natural ou na luz de casa mesmo. O cenário foi criado com a intenção de mostrar um dos meus passatempos favoritos e em um dos meus lugares favoritos da casa. Os livros são muito importantes na minha vida desde que uma professora da terceira série começou a fazer atividades que incentivavam a leitura, foi fácil deixar eles de fundo, afinal são naturalmente bonitos. Os três ursinhos de pelúcia que aparecem têm valor afetivo único. O sapo verde no canto esquerdo das entrevistadas foi presente que ganhei de dia das crianças da minha mãe, mais tarde fez parte de uma fantasia de cartão em que comemorei meu último aniversário, dias antes da pandemia. A tartaruga comprei para representar a jabuti de estimação chamada Charlotte que eu tinha. O coelho ganhei e só depois percebi que tenho um coelho de verdade! Não interferir nas vestimentas de nenhuma das pessoas que aparecem no filme, tanto nas entrevistas quanto nas gravações extras em que meus amigos e outros familiares aparecem, pois queria que cada um tivesse a liberdade de se expressar como quisesse e assim deixasse transparecer sua personalidade de maneira confortável.

4.7. A montagem

Comecei a etapa da montagem pelas entrevistas. Antes de tudo, sincronizei o som e depois comecei a reassistir cada uma. Já tinha uma ideia do que queria, pois enquanto gravava já ia pensando quais falas e imagens seria interessante para a narrativa. Confesso que teoricamente construir o roteiro já com a cabeça de montadora (literalmente, já que sou uma), mas como eu disse, não estou acostumada a escrever no formato de roteiro, então como maneira de solucionar isso, fiz uma montagem prévia na minha cabeça e visualizei o filme como quem edita e não como quem roteiriza. Isso me favoreceu na hora da montagem. Filtrei as primeiras partes que mais me chamaram a atenção, mas não mudei a ordem nem nada. Reassistir e filtrei novamente, agora separando também trechos que eu havia gostado, mas que poderiam ser usados só o áudio. Depois entrei com as fotos. Mudei a ordem tudo mais ou menos três vezes, até chegar em um lugar que me era satisfatório e que contava a história que eu queria. Mesmo com todo esse preparo prévio, acho que demorei um pouco até ficar satisfeita. Após as fotos, entraram também as imagens que eu havia gravado, que decidi usar em sua maioria como transição acompanhadas da narração. Dessa parte em diante foi mais

tranquilo, fui adicionando frases e outros elementos que queria até chegar ao momento dos créditos. Por último, entrou a trilha sonora e fechei fazendo alguns ajustes que se fizeram necessários. Todo o processo foi feito no *premiere*. Uma compreensão das relações entre o cinema documentário e a cultura da autobiografia requer dedicar um olhar aprofundado a tópicos históricos e tecnológicos. Pois, no que diz respeito à autobiografia, grandes mudanças ocorrem depois do advento da fotografia (RENOV, 2014, p.35).

4.8. Cores e trilhas

Como disse no tópico acima, gravei na luz natural já pensando na correção de cores que faria na pós-produção. Tenho mais facilidade e familiaridade em corrigir as cores assim. Deixei essa etapa como uma das últimas no processo de edição, queria me certificar de que tudo estava no seu devido lugar antes de iniciar a colorização. Foi rápido, tinha em mente que queria cores mais vivas, mas não exageradas. Então foi mais um trabalho de ajuste e menos de correção. Não vi necessidade de tantas trilhas, então escolhi somente uma para funcionar de transição em um momento que melhor se encaixava, a escolha da música se deu por me lembrar a infância e o gosto musical dos meus pais.

4.9. Finalização

Na etapa de finalização, foram feitas poucas modificações. Alguns ajustes no volume do ganho do áudio, inserção das legendas nos momentos em que falo nas entrevistas, identificação das entrevistadas e breves correções nos créditos. Além disso, inseri o texto e as imagens de abertura. Em grande maioria, foram apenas melhorias sugeridas pelas orientadoras e amigas cineastas. Assisti mais uma vez fora do programa de edição, na caixinha de som do computador para verificar. Finalizei fazendo uma última verificação na TV de casa. O produtor final ficou com cerca de 22 minutos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho se propôs a realizar um documentário no formato de curta-metragem, cuja concepção, roteirização, entrevistas, imagens, sons, montagem, edição e finalização tem caráter autobiográfico. Para tanto, fez-se necessário reunir referências teóricas e artísticas antes de iniciar o processo para aprimorar o entendimento sobre os conceitos ligados ao documentário e ao audiovisual em si. Feito isso, foi possível tomar decisões com embasamento confiáveis para a elaboração e finalização do curta. O processo de pesquisa foi fundamental para a construção de todo o material, desde a curadoria de memórias até o presente memorial sobre o filme *Linhas da memória*.

O embasamento teórico reunido neste trabalho apresenta conceitos vindos de diferentes fontes, visando entender a melhor forma de contar uma história por meio de uma autobiografia documental. Todas as decisões foram tomadas pensando não somente no produto final, mas em cada etapa, incluindo a recepção do público. As memórias são individuais, ainda que sejam de momentos vividos em conjunto, portanto, para essa narrativa, registrar as lembranças em um documentário seria a melhor opção para contar a história, uma vez que o documentário tem um cunho de veracidade e identificação que por vezes se contrapõe à ficção.

Além de registrar as minhas memórias, este filme se propõe a criar uma identificação no espectador, como se houvesse uma participação indireta do público, pretendendo criar um diálogo e não um monólogo. Esta pesquisa, mesmo mostrada de um ponto de vista pessoal, pode atingir um grupo relevante de pessoas que venham a se identificar e se sentirem afetadas por suas próprias lembranças. É importante tornar concreto a subjetividade que se encontra em muitas narrativas, nessa história essa necessidade ganha força, especialmente por se tratar de uma trajetória comum e ainda assim única. Toda e qualquer oportunidade de documentar e materializar, se alguma forma, o que não é palpável e nem sempre visível aos olhos deve ser aproveitada.

Realizar este produto, outrora, era apenas utopia. Concretizar essa ideia é uma realização, que vai além de mim. Como disse no início, não quero ser primeira ou única em nada, mas ainda assim, às vezes acabo sendo. Duvidar da grandeza que esse trabalho poderia ter, em termos de valores sentimentais (e técnicos), é duvidar de mim. Eu duvidei. Duvidei por achar que ninguém poderia querer me ouvir, bem como por achar que não teria a capacidade de construir qualquer coisa que fizesse sentido e fosse digno de ser apresentado diante de uma banca e convidados. Dizer isso é muita exposição, eu sei, mas só digo porque

mudei o pensamento. A caminhada em busca do aperfeiçoamento desse trabalho foi árdua, mas foi a prova de que estive enganada durante todo esse tempo.

A minha história começa lá em Santa Rita de Cássia - Bahia, com duas crianças que eram praticamente vizinhas que nem imaginavam crescer, mudar-se para Brasília, se reencontrarem e formarem um casal. Meus pais são o começo de mim, e antes deles os meus avós, aqueles que não desistiram. E por não desistirem, fizeram a própria sorte, criaram raízes, criam os filhos, criaram lembranças e ainda sobrou tempo e amor para ajudar na criação dos netos e bisnetos. Da escassez extrema e fome à neta formada pela Universidade Federal de Brasília. Que felicidade a minha tê-los comigo. Que felicidade a nossa concluir essa etapa.

REFERÊNCIAS

A cor do amor. Direção de Jacqueline Batista Lima. Brasil, 2022, (1 hora e 12 min).

ALMEIDA, Sílvio. **O que é racismo estrutural?** São Paulo: Letramento, 2018.

ANTES de ontem. Direção de Caio Franco. Brasil, 2019, (6 min.).

ASSUMPCÃO, Anelis. **Anelis Assumpção: ‘Escavo o que me foi negado saber sobre nós’**. Gama Revista, 2020. Disponível em: <<https://gamarevista.uol.com.br/semana/familia-qual-e-a-sua/memoria-e-ancestralidade-com-anelis-assumpcao/>>. Acesso em: 05 de dez. de 2023.

BARROS, Jéssica. **Se fosse ontem, eu lembrava**. 2020, 100 páginas. Bacharelado em Comunicação Social, Universidade de Brasília, 2020.

DÁ lembrança. Direção Mariana Leite. Brasil, 2023, (22 min).

DJONGA. **Bença**. Belo Horizonte: Ceia Ent. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vItmJnY-waY>. Acesso em 05 de dez. de 2023.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Belo Horizonte: Mazza, 2006.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Nandyala, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Olhos D’água**. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

FAGUNDES, Murilo de Souza Caldas. **O Front - Jornalistas em meio à pandemia: um documentário**. 2021, 94 páginas. Bacharelado em Jornalismo, Universidade de Brasília, 2021.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si. In: O que é um autor?** Lisboa: Passagens. 1992. p.129-160.

GELAIN, Gabriela Cleveston; DE ALMEIDA HORNARDT, Nathalie; CLEMENTE, Sabrina Cancoro GENERALI. **Mulheres, negras e (in) visíveis: uma análise da escrivência em Becos da Memória**. Revista Rastros. 2020.

HOOKS, Bell. **Vivendo de Amor**. Portal Geledés, São Paulo, 9 mar. 2010. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor>. Acesso em: 28 de nov. 2023.

MAGALHÃES, Agnes Cardoso. **“Salve, Rainha!”**. 2021, 51 páginas. Bacharelado em Comunicação Social, Universidade de Brasília, 2021.

NASCENTE. Direção de Safira Moreira. Brasil, 2020, (6 min).

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução Mônica Saddy Martins. Coleção Campo Imagético. Campinas, SP: Papirus 2010.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. **“Escrevivência” em Becos da memória, de Conceição Evaristo**. Estudos Feministas, Florianópolis, 17(2): 344, maio-agosto 2009.

PELE manchada. Direção de Victor Mota. Brasil, 2020, (6 min).

PENAFRIA, Manuela. **O Documentarismo do Cinema: Uma reflexão sobre o filme Documentário**. Universidade da Beira Interior: Portugal: 2006.

RENOV, Michael. **Algumas proposições sobre a autoinscrição**. In: SILÊNCIOS HISTÓRICOS E PESSOAIS: **Memória e subjetividade no documentário latino-americano contemporâneo**. São Paulo: Caixa Econômica Federal, mar. 2014.

SCAMPARINI, Julia. **O sujeito na mídia: escritas de si literárias e filmicas**. IPOTESI, Juiz de Fora, v.19, n.1, p. 258-269, jan./jun. 2015.

SE fosse ontem, eu lembrava. Direção de Jéssica Barros. Brasil, 2020, (9 min).

SMITH, Clara Maria Ortolani. **Te vejo desse lado**. 2021, 60 páginas. Bacharelado em Comunicação Social, Universidade de Brasília, 2021.

TE guardo no bolso da saudade. Direção de Rosy Nascimento. Brasil, 2021, (11 min).

TRAVESSIA. Direção de Safira Moreira. Brasil, 2017, (5 min.).

APÊNDICE 1

Roteiro

Linhas da memória

Por Keity Naiany

Keity Naiany

keitynaiany.so@gmail.com

CENA 01 - INT. IMAGENS PRODUZIDAS EM CASA. DIA

Citação do trecho do poema "Recordar é preciso" de Conceição Evaristo aparece. Fundo é as páginas de um livro.

Titulo do filme.

CENA 02 - INT. IMAGENS PRODUZIDAS EM CASA. DIA**NARRAÇÃO**

Eu sou amor.

Fui amor quando chorei a morte de um pequeno passarinho ao qual a vida não pude salvar. Senti o amor sempre que meu avô deixava eu dormir na "casinha do cachorro", era assim que a gente chamava o cantinho da cama ao lado da minha vó. Vivi o amor enquanto, segurando minha mão, minha mãe me perguntou "você quer uma irmãzinha ou irmãozinho?". Eu sou amor sempre que escolho amar. Um dia alguém disse: se você tem medo do amor, você tem coragem do quê? Por isso já não tenho mais medo. Cresci cercada de amor e por isso, em mim, muitas vezes as memórias são confundidas com afeto. Com o amor criamos memórias, com as memórias criamos elos. É como diz o Emicida:
AmarElo.

CENA 03 - INT. ENTREVISTA. DIA

A entrevistada aparece respondendo uma pergunta. Aparece na lateral da imagem uma identificação com seu nome e grau de parentesco com a autora: Maria Sônia - Mãe. A pergunta é feita pela diretora e é possível ser ouvida pelo espectador.

NARRADORA

A senhora também tem esse hábito de relembrar das coisas, a senhora gosta de fazer isso?

MÃE

Tenho, tenho sim. Eu... Até hoje assim, às vezes eu tô... É... Sei lá, fazendo comida, lavando uma louça e fico lembrando das coisas, quando eu era mais nova. Às vezes coisas assim, junto com meus irmãos, às vezes coisas da escola e às vezes eu... Normalmente assim coisas boas eu começo a sorrir, às vezes eu tenho umas lembranças assim meio que machuca, às vezes eu choro um pouquinho. Mas eu tenho sim muito esse hábito de ficar lembrando das coisas.

NARRADORA

E a senhora gosta disso?

MÃE

Gosto, porque normalmente eu lembro de coisas boas, coisas que me fazem sorrir. E eu gosto. Às vezes eu gosto de olhar fotos, porque as fotos eu sempre gostei muito de tirar fotos, principalmente da época que as fotos eram reveladas. Eu tenho várias e é uma coisa assim que eu gosto de fazer, olhar fotografias. Eu acho bem legal.

CENA 04 - NARRAÇÃO**NARRADORA**

“Os dias de domingo eram os meus favoritos, o cheiro do café escapava pelos poucos cômodos da casa, eu amava. Amava, porque isso significava uma coisa: meus pais não iam trabalhar e nós quatro íamos tomar café da manhã junto.”

Enquanto a narração é falada, imagens de café sendo feito, presilha sendo colocada no cabelo, trecho do filme “A dama e o vagabundo” e um neném deitando no ursinho vão passando.

CENA 05 - INT. ENTREVISTA. DIA**NARRADORA**

Qual que é a lembrança mais antiga que a senhora tem? De qualquer coisa.

MÃE

Lembrança boa... Minha infância lá na Bahia. São umas lembranças boas de... Por exemplo, minhas irmãs estudavam à noite e eu ficava sozinha em casa. Ia pra rua, ficava brincando com meus amigos e era muito legal isso. Eu gostava muito de brincar de ser paqueta da Xuxa. (Risos).

NARRADORA

Essa foi inusitada.

Aparece a segunda entrevistada. No canto lateral é possível ler a identificação com seu nome e grau de parentesco com a diretora: Geovanna (Jô) - Irmã.

JÔ

Do dia que tia Marilda chegou lá em casa pra cuidar da gente, porque eu não sabia... Não tenho a memória de saber que ela ia pra lá, né. Ai era um dia normal, assim de manhãzinha cedo, eu tava sentada do seu lado e minha mãe tava fazendo café da manhã, alguma coisa assim e eu achei que "ok" a gente... Minha mãe ia sair pra trabalhar e... Eu tenho lembro como era antes dela chegar lá pra cuidar da gente, tipo, com quem a gente ficava, se eu ia pra escola, não consigo lembrar. Mas eu lembro que eu tava sentadinha do seu lado, acho que comendo cuscuz e aí, tipo, chamou no portão. Minha mãe saiu e eu saí atrás dela, né, fofoqueira. E aí eu lembro de fazer assim atrás da minha mãe e ver uma pessoa toda de rosa. Não era nem no portão, porque não tinha portão. E aí eu fiquei "oxente, tá certo isso?" E aí ela entrou, e tipo assim, pronto. Eu gostava muito dela e ela cuidou da gente.

A terceira entrevistada aparece. Sua identificação aparece na lateral do vídeo: Nair - Avó.

VÓ

Não, a lembrança boa minha fia, foi quando eu vim pr'aqui que botei meus fi, tavam estudando. Que morei de aluguel, depois uma lembrança ótima foi quando consegui comprar meu lugar próprio pra mim morar com meus filhos. Foi muito bom pra mim. E daí pra cá, graças a Deus, só foi melhora na minha vida. Porque todo mundo foi trabalhar, como você sabe mesmo. Todo mundo trabalha, todo mundo seguiu a sua vida e graças a Deus tô bem. Eu sou uma mulher realizada, com meus filhos, esses netos maravilhosos que eu tenho, graças a Deus. Não, hoje eu sou uma mulher realizada. Graças a Deus! Não tenho o que reclamar. Tenho um filho homem sozinho, como você sabe, nunca me deu trabalho. Graças a Deus! Então, sofri na época de nova, mas depois de idade, eu sou feliz. Graças a Deus! E quero ficar mais feliz ainda daqui pro fim. (Risos)

Volta a primeira entrevistada.

MÃE

E eu me lembro também quando a gente morava na Bahia que eu gostava muito de tomar banho de rio e minha mãe não deixava, porque ela tinha medo, mas aí quando acaba a água lá na cidade, lá sempre acabava a água, e aí juntava aquele monte de criança lá na rua, lógico com alguns adultos, e levava a gente

pro rio. E eu achava muito bom, porque até hoje eu gosto muito e, assim, é uma lembrança muito boa da minha época, essa lembrança de criança quando a gente morou lá na Bahia. Eu achava muito bom, já pedi a Deus pra acabar a água pra poder a gente ir pro rio. Era muito divertido, eu amava, amava, amava, amava.

Volta a segunda entrevistada.

JÔ

Eu tenho uma memória muito específica do tio da cantina de quando eu fazia integral. E uma vez que o almoço do integral foi peixe frito, era muito bom. E o tio da cantina era muito legal. Uma vez ele entrou de férias e as crianças tudo ficaram tristes achando que ele tinha sido demitido, mas o pobre só tava de férias. As crianças tudo desesperada, porque ele era muito legal. E ele era muito, muito alto e, tipo assim, ele ficava na janela, ele era do tamanho da janela e a gente era miudinho assim. Ele "tuque", toma aqui um prato de comida.

CENA 06 - EXT - IMAGENS DE TRANSIÇÃO

Imagens de passagens pela UnB e Eixo Monumental com trilha para transicionar de uma cena para outra.

CENA 07 - INT. ENTREVISTAS. DIA

Entrevistadas falando sobre suas memórias tristes.

NARRADORA

Eu quero que a senhora tente lembrar qual que é a sua lembrança mais antiga, da vida senhora, o que a senhora lembra?

VÓ

Mais antiga?

NARRADORA

É.

VÓ

Quando minha mãe morreu. Quando ela morreu que eu fiquei com 9 anos de idade.

NARRADORA

E a senhora lembra do dia, de quem tava lá?

VÓ

O dia mesmo eu não lembro, mas quem tava lá mesmo era meu tio, os médicos foram, fizeram o parto dela em casa e aí eu tinha 9 anos de idade. Depois fui criada com madrasta até meus 16 anos. Casei, aí vive com marido 20 anos, daí de 20 anos vivi com ele, ele saiu de casa. Depois eu vim pra Brasília com os filhos pequenos. Foi o tempo que eu vim primeiro com Zé doente, levei ele no médico e tudo. Melhorou, voltei e depois voltei com todo mundo pra morar aqui em Brasília.

MÃE

É, a lembrança mais antiga que eu considero triste foi a separação dos meus pais, porque marcou muito. Minha mãe sofreu muito, mas hoje eu vejo que foi uma coisa que nos deixou fortes e unidos, mãe e irmãos. Mas assim, é uma lembrança triste, acho que ainda machuca um pouco. Tinha 9 anos na época.

JÔ

Durante a Covid, quando nossos pais ficaram com Covid, eu pensava assim que tudo que ia ter deles eram as memórias, sabe. E eu odiava, odiava a ideia de ter uma última memória do meu pai à distância, sabe.

CENA 08 - INT. ENTREVISTAS. DIA**NARRADORA**

O que a senhora acha sobre ficar pensando no passado, seja ele bom, seja ele ruim, sobre não esquecer as coisas?

MÃE

Ah, eu acho que depende, eu não gosto muito. Algumas coisas assim eu não gosto de lembrar do passado, se eu pudesse, eu apagaria da minha memória. Mas algumas coisas assim eu gosto. Tipo assim, vários momentos bons que teve de família, do meu tempo de escola, eu gosto. Mas assim, eu gosto muito de ficar lembrando de algumas coisas do passado que me faz sofrer, se eu pudesse apagaria. Tipo, por exemplo, igual eu falei, na separação dos meus pais eu vi muito a minha mãe sofrer, eu vi as minhas irmãs mais velhas sofrerem. Meu pai, tipo, hoje eu não tenho magoa dele, mas assim, ele fez muito a gente sofrer.

Então são lembranças que se eu pudesse apagar da minha memória. Hoje não me machuca, mas não sei, ao mesmo tempo, talvez machuque. Se eu pudesse, assim, algumas vezes, por exemplo, quando eu vi meu pai agredir a minha irmã, é uma lembrança assim que me machuca até hoje, porque ele fez isso por ignorância. E eu, se eu pudesse apagar. Porque eu era criança e isso machuca, então assim, tem umas lembranças que se eu pudesse apagar da minha memória.

NARRADORA

Então a senhora acha que o esquecimento também é importante?

MÃE

Sim, algumas coisas eu acho que sim. Talvez se você esquecesse, talvez você não sofresse por algumas coisas.

CENA 09 - FOTOS E VOZ OFF IRMÃ

Diversas fotos da autora na infância criança.

JÔ (VOZ OFF)

Eu acho que a nossa versão criança é a nossa versão original. É importante você lembrar e se esforçar para lembrar. Para você lembrar de quem você realmente é. E não aquilo que as pessoas tentaram apagar, porque é isso que você realmente é. E não aquilo que foi construído depois disso, porque a gente acaba se tornando uma cópia ou um molde de outras pessoas.

CENA 10 - INT. ENTREVISTA. DIA

NARRADORA

A senhora lembra de quando minha mãe falou que estava grávida de mim?

VÓ

Lembro como se fosse hoje

Foto da mãe da diretora grávida aparece em tela.

VÓ (Continuação)

Foi quando ela me contou que eu comecei... Que eu voei nela. Zanguei dizendo coisa ela. Porque tipo assim, eu tava sem marido. Já tinha acontecido com Nilva. Aí passou, ela boa trabalhando e tudo. Ai de repente falou que tava grávida. Nós

tava acabando de almoçar, ai eu disse "eu não acredito numa coisa dessa não"

NARRADORA

Não esperou nem almoçar. (Risos)

VÓ (Continuação)

Ai eu comecei né, dizer as coisas a ela. Comecei dizer as coisas e ela saiu correndo pra lá, dizendo coisa. Saiu correndo, correndo e eu saí atrás e Moreira também. Puxamos o braço dela e voltamos pra dentro. Também só foi nesse dia.

NARRADORA

Aí a senhora zangou, mas depois passou?

VÓ (Continuação)

Na mesma hora. Eu disse "é, vai trabalhar pra criar."

Fotos da mãe da diretora com ela e a irmã quando criança.

VÓ (Continuação)

E também ela foi uma mãezona e tá sendo até hoje. É uma coisa que eu não boto em Sônia, nunca teve coisa. Ela trabalhava fora, ela levava tudo. O jeito dela de antes é até hoje. Saia do serviço ela tinha que achar coisa pra levar pra dentro de casa. Demos um jeito, veio uma menina da Bahia pra cuidar de você, ela não parou de trabalhar, nem eu. E foi assim.

NARRADORA

Eu lembro que a gente brincava muito no quintal. Eu gostava muito do natal.

VÓ

Caiu dentro do buraco do esgoto. Eu peguei, pensei que ia morrer.

NARRADORA

Tive tempo de fazer tudo, até cair dentro do esgoto eu tive tempo de cair.

VÓ

Lembro disso aí, de você e Júlia, todas duas gostavam de mexer em minhas costuras. As duas. As outras malinavam por fora, mas vocês duas gostavam de mexer na costura. E mais também memória

que eu lembro é do tempo que você era pequena no telefone.
Lembra do telefone?

NARRADORA

Eu lembro, achei umas fotos.

Foto da autora no telefone.

VÓ (Continuação)

Você no telefone, nesse tempo não era celular, telefone fixo.
Você ficava lá. É nesse tempo que eu lembro de você. E você
gostava do telefone, mas só que você não sabia de nada, mas o
povo ligava e você tava lá no telefone. (Risos)

NARRADORA

Fofocando. (Risos)

Foto dos netos com a vó.

VÓ

Cada um eu tenho as lembranças de vocês tudinho. Devagar vai
chegando aí, de tudo. As lembranças.

NARRADORA

A memória mais antiga que a senhora tem comigo é essa do
telefone?

VÓ

É nada, eu tenho mais ainda. De quando você era mais novinha
ainda e eu chegava e você só queria eu, grudada. O tal do chá.
Não dormia enquanto eu não fizesse o chazinho. "Vó quero
chazinho, quero chazinho." E não tinha jeito, não dormia
enquanto... Eu fiquei zangada que Braga tirou esse chá, podia tá
tomando até hoje.

NARRADORA

Ia mesmo, porque eu sou cheia das manias.

VÓ

Mas lembro minha fia, Ave Maria, eu lembro de você, toda vida
desde pequenininha, desde quando nasceu mesmo foi lá em casa,
mas eu... Carequinha.

NARRADORA

Carequinha até um dia desses.

VÓ

Pois é, eu lembro de tudo, de tudo. Vocês tudinho, eu lembro de um por um. De vocês tudinho, quando nasceu, para você ver a memória, eu lembro de tudinho quando nasceu.

NARRADORA

A senhora lembra quando a senhora foi me conhecer?

VÓ

No hospital? Lembro de tudo.

NARRADORA

No hospital. Tem uma foto. A senhora já viu?

Foto da avó com a neta no hospital.

VÓ

Não.

NARRADORA

Uma fotinha que a senhora tá do lado, era tipo um bercinho, assim miudinho.

VÓ

Desse tamanhozinho.

NARRADORA

É, e a senhora tá do lado.

MÃE

Ah, então, teve um sonho muito engraçado, porque... Faz bem tempo, que eu me lembro quando Keity era pequenininha, eu tava no Santo Antônio, na casa da minha tia, eu acho que porque eu tava preocupada, porque eu tinha que ir embora, porque eu tinha a vacina. E aí eu fiquei com medo de chegar atrasada por não dar esse tempo para vacinar ela, aí eu almocei e deitei na cama da minha tia com ela na minha frente e eu deitei assim meio de lado e ela na minha frente. Aí eu cochilei e sonhei que eu olhava para cabeça dela e ela tava com a cabeça do Zé Gotinha, era ela, só que a cabeça dela era do Zé Gotinha, aí eu acordei assustada e eu peguei e passei a mão no rosto dela assim, cheguei ela se assustou porque quando eu abri o olho,

parece que eu tava vendo que a cabeça dela era do Zé Gotinha, eu acordei e tipo como se eu quisesse tirar uma máscara foi horrível, mas depois até hoje a gente sorri desse sonho, porque realmente ela era careca igual ao Zé Gotinha.

NARRADORA

Não gostei, não vou botar essa parte.

MÃE

Nós duas? Ah, eu tive muitos momentos bons com você.

NARRADORA

Claro, eu sou uma querida.

MÃE

Muitos, muitos, mas assim. Ah, eu acho que quando você nasceu.

Fotos da narradora na infância.

MÃE (Continuação)

Foi um momento inesquecível para mim, foi assim, porque a minha gravidez foi... Não foi planejada, mas eu não me arrependo. Mas assim o seu nascimento foi um momento marcante na minha vida. Foi um [momento] um que eu nunca vou esquecer.

JÔ

Não tem aquela música do Luan Santana que é "... É impressão minha metade do meu..." Do meu o quê? "Do meu peito mora em você" Toda vez que eu escuto essa música é uma lembrança que eu amo que era quando a minha mãe comprou várias vasilhas e a gente foi quando a gente começou a ficar sozinha em casa. E aí era a mesma rotina muito gostosinha de "era muito legal esquentar nossa marmita". E aí o Luan Santana no talo e era sempre no mesmo *time* eu sentadinho no sofá me entupindo de almoçando. E o Luan Santana cantando no fundo "é impressão minha ou metade do meu peito mora em você. Nossa eu amor essa memória, é muito boa.

Fotos da infância da narradora.

MÃE

Você tinha muito assim mania quando era pequena de quando a gente está dormindo e aí você colocar o rosto bem pertinho do rosto da gente com o olho regalado. E aí por algumas vezes

assim, eu já me assustei às vezes quase que ele tá com tapa porque é horrível acordar com alguém com o pregado no seu.

JÔ

Eu acho que umas das lembranças mais antigas que eu tenho da gente, foi quando você pegou catapora. (Risos)

NARRADORA

Velho, você não se desgrudava.

JÔ

Foi aí que a minha linguagem em tóxica começou. Eu acho que a memória mais antiga assim, tipo a gente morava no meu tio Professora ainda, eu lembro de você tomando banho. Primeiro que eu amava tomar banho junto com você e você não gostava. E aí porque a gente fazia isso quando era bem mais novinha, aí eu lembro de você tomando banho no balde, eu olhava assim ficava "meu Deus, eu quero muito tomar banho no balde com água roxa". Eu queria muito! Acho que a memória mais antiga que eu tenho sua assim, tipo tanto que eu nem lembro dos detalhes da casa, só lembro de um mini Keity num balde branco e água roxa. Eu ficava muito feliz quando minha mãe quando falava "Keity, vai tomar banho". Eu ficava bem assim lá no pé esperando minha mãe colocar no balde de ficar roxa. Eu fiquei igual Chaves, num quietei enquanto não peguei catapora.

NARRADORA

Exatamente!

JÔ

Tudo por um banho de água roxa.

CENA 11 - NARRAÇÃO

Fotos da narradora com seu pai.

NARRADORA

"Quando eu era mais nova, costumava me tranquilizar quando pensava "meu pai tá aqui", "minha mãe tá aqui". Acho que é natural, mas mesmo quando não me sentia em perigo, me refugiava na proteção da minha família. Tenho uma memória olfativa muito forte quando se trata dos meus pais, o que é curioso, visto que o meu olfato, definitivamente, não é dos melhores. Mas com frequência digo para minha irmã "nossa, isso

tem o cheiro da minha mãe" ou "nossa, isso lembra o perfume do meu pai". E tudo isso me lembra casa, lembra tudo que me embala e protege."

CENA 12 - INT. ENTREVISTAS. DIA

JÔ

Eu acho que a memória é o mais importante em amar uma pessoa, porque quando essa pessoa não tiver com você, você vai ter as memórias e é só isso que você vai ter. Tipo, não tem como objetificar a memória, tanto que para mim a coisa mais triste do mundo é alguém que esquece das suas memórias. Porque eu preferia esquecer quem eu sou, do que esquecer as pessoas que eu. Até porque uma coisa está ligado a outra, eu acho que sem as pessoas que eu amo, boa parte de mim deixaria de existir.

Então, para mim, criar memórias é o maior ato de amor que existe. Não tem como você pegar, não tem como você quebrar e por mais que às vezes seja doloroso, não tem como esquecer. Mas é a única coisa que você sempre, sempre vai ter com você daquela pessoa.

CENA 13 - NARRAÇÃO

Imagens de Brasília, do trem, famílias no CCBB, sementes de tâmara e do céu.

NARRADORA

É doído sentir saudades de quem se foi. A memória apaga aos poucos o que restou. O sorriso, o cheiro, o abraço e nem sequer a data de aniversário é lembrada. E o que resta é só a saudade, ainda que mansa, ela está ali. Se fazendo presente incansavelmente.

É horrível sentir saudades de quem morreu em vida. As coisas só têm o impacto que tem, porque não se repetem. Mesmo que aconteça de novo, nada nunca é igual. Dizem que recordar é viver. Eu acredito que lembrar é reviver. Sinto muita saudade. Saudade de todos os tipos. Acho que, no fundo, sou um pouco feita de saudade. Ela não me deixa esquecer."

Tela preta. Final da narração em voz off.

Nome do filme aparece gradativamente num fundo preto.

CRÉDITOS

vó

Graças a Deus, a gente tendo fé em Deus e coragem vai em frente minha filha, se a gente for para o caminho do bem vai até o fim, agora se entrar no caminho errado aí só dá errado, mas se a gente pedir para Deus e caminhar no caminho certo,

Deus abençoa. É isso que você tá fazendo e Deus vai te abençoar que você vai ser sempre assim, caminhando no caminho certo que Deus vai botar lá no lugar que você merece de você crescer na sua vida e vai dar tudo certo com fé em Jesus Cristo. Eu não vou partir enquanto eu não ver.

(Risos) e a cabeça para ficar boa para mim ficar vendo sabendo, o que é que eu tô vendo?

Termina com a citação do livro Olhos d'água de Conceição Evaristo.

APÊNDICE 2

Lista de equipamentos

ÁREA USADA	LISTA DE ITENS
Fotografia	Kit de câmera: Canon 80D, lente, 18-55mm, bateria, cartão SD, tampa da lente, tripé da câmera, cabo de transferência USB.
Som	Gravador Zoom H4nPro, cartão SD, lapelas com fio, fone. Celular pessoal.
Pós-produção	Notebook e computador pessoal.

